

Haddad sente falta da cultura regionalizada

O diretor de teatro faz palestra hoje às 15h

Acena é simples e já foi descrita várias vezes, mas vale a pena ver de novo. Imagine um casebre, uma residência muito pobre. Dentro, um seringueiro e, possivelmente, família. A luz azul pode ser reconhecida de longe. A casa conta — milagres da comunicação — com aparelho de tevê. Na tela, anúncios de sabonetes mirabolantes, desodorantes de sonho, hotel cinco estrelas, carro importado...

Preocupado com a influência atordoante que a televisão tem hoje na vida brasileira, acentuando contrastes dolorosos, o diretor teatral Amir Haddad, 56 anos, faz, ao lado

CORREIO BRAZILIENSE

do jornalista Tetê Catalão, exposição sobre *A Geopolítica Cultural — Regionalização, Integração e Identidade*. A palestra, seguida de debates, tem lugar na extensa programação da 1ª Conferência Nacional de Cultura e acontece às 15h de hoje, no Auditório Petrônio Portella do Senado Federal. Alguns dos debatedores: o escritor Alcione Araújo, a atriz Rosa Maria Murtinho, os líderes indígenas Marcos Terena e Ailton Krenak.

A cena lembrada acima foi presenciada por Amir Haddad em uma de suas viagens Brasil adentro. “A velocidade das comunicações é um fato”, constata. Mas lamenta que os aparelhos de tevê levem, a regiões distantes de onde os sinais são emitidos, mensagens disparatadas e alheias às diversas realidades espalhadas pelo País. “A ideologia e os interesses de grupos” cancelam, na ótica de Amir, os interesses e a identidade das populações que formam o povo brasileiro.

Antídotos — O próprio Amir Haddad não traz programas claros e prontos de como tornar as coisas menos perversas. Aposta, porém, a ausência de uma política de integração cultural capaz de respeitar as dife-

Cult-93

* 5 NOV 1993

VANDERLEI POZZEMBOM



Haddad participa de debates com Rosa Maria Murtinho e Marcos Terena

renças. Lembra que, nos Estados Unidos, por exemplo, as emissoras só podem trabalhar em rede nacional por quatro horas diárias, no máximo. A providência estimularia o aparecimento de programas feitos na própria região em que serão consumidos. Assim, a tela de tevê tornar-se-ia espelho fiel, ou menos infiel, de seu público.

A questão é complexa e exige reflexão. Há um fato que merece atenção: a tevê, nos moldes em que a conhecemos hoje (redes de alcance nacional, produção centralizada no Rio e em São Paulo), cresceu durante as décadas de 60 e 70. Coincidência ou não, foi a fase em que a ditadura militar se fez mais rigidamente presente na vida brasilei-

ra. O diretor recorda que, nos anos 60, esteve em Belém do Pará. Os programas de televisão eram, ao menos em parte, produzidos localmente. “A tevê tinha teatro ao vivo. Havia gente da região escrevendo e interpretando. São pessoas influentes até hoje, mas...” Houve um esvaziamento quase completo — quase o crime perfeito — da produção regional.

Amir Haddad tem realizado “cursos, seminários, espetáculos” de maneira meio subterrânea, “fora dos canais tradicionais”, e se alegra ao perceber que “as coisas germinam, rápida e emocionantemente” mesmo paralelas ao circuito consagrado pela grande mídia. Ele afirma a responsabilidade que homens e mulheres dedicados à cultura têm — para além dos valores de mercado. Elogia um companheiro de geração, o dramaturgo e diretor Augusto Boal, presente à la. Cult, por seu vínculo permanente com causas como soberania, identidade, liberdade. Reclama dos bicheiros cantando em italiano, conforme a minissérie *Agosto* pôde mostrar, e pede reforma agrária nas telecomunicações.

■ Fernando Marques